INSERÇÃO SOCIAL E ESCOLAR DOS HAITIANOS EM SANTA CATARINA

Sandra de Avila Farias Bordignon[1]
UNOCHAPECÓ sandra.bordignon@uffs.edu.br
Leonel Piovezana[2]
UNOCHAPECÓ leonel@unochapeco.edu.br

RESUMO

O recente processo migratório tem gerado um grande contingente de haitianos no oeste do estado de Santa Catarina, especialmente no período de 2012 à 2014, ancorados na Política Nacional Humanitária de apoio ao Haiti. Com isso, apresenta-se uma importante demanda para os processos educacionais formais e informais da região. A necessidade de aprender a língua portuguesa, bem como a oportunidade de se profissionalizar são fatores que têm levado estes estrangeiros a dar um passo além das atividades laborais a que estão ligados. Este estudo apresenta de forma objetiva uma pesquisa documental e observação participante sobre a inserção e o acompanhamento aos estudantes haitianos no contexto escolar e aponta níveis de escolarização onde os haitianos se encontram: Educação infantil – 20 e no Ensino Fundamental – 05, além dos 35 inseridos no ensino superior que estão matriculados na Universidade Federal da Fronteira Sul por meio do Programa PROHAITI, vinculado por processo seletivo especial. Os dados aqui coletados em diferentes etapas, desde a inscrição no processo seletivo até a obtenção do primeiro histórico de desempenho se referem ao final do semestre letivo do ano de 2014. A maioria dos alunos, tem registrado níveis de adaptação razoáveis ou bons. As principais dificuldades relacionam-se à comunicação e às metodologias de ensino do idioma pátrio brasileiro. Aponta-se a necessidade de considerar aspectos culturais no atendimento a estes estudantes, especialmente no período de recepção e a necessidade de novos olhares, avaliando diferentes variáveis de adaptação.

Palavras-chave: Haitianos. Educação. Inserção. Direitos humanos.

Introdução

Inserção social e escolar dos haitianos em Santa Catarina é um estudo que tem como foco principal a reflexão sobre as possibilidades e fragilidades do campo educacional para esses imigrantes. Neste contexto a educação está vinculada às categorias de cidadania e cultura.

O espaço de inserção e vislumbrado é a cidade de Chapecó[3], localizada no oeste de

---

[1]Mestranda do PPGE da Unochapecó e pedagoga da UFFS de Chapecó (SC)

[2]Doutor em Desenvolvimento Regional e Professor dos Programas de Mestrado em Educação e de Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais da Unochapecó.

Santa Catarina. O processo migratório haitiano nesta região tem se intensificado e vem sendo marcado com expressivo número de imigrantes, especialmente entre os períodos de 2012 a 2015, ancorados pela Política Nacional Humanitária de apoio ao Haiti.

Entende-se que esse fenômeno social demanda cuidados especiais e atenção das políticas públicas, em especial, para os processos educacionais formais e informais da região. Como oportuno aparece à necessidade de aprender a língua portuguesa, bem como a necessidade de se profissionalizar e estudar. Sendo assim, aponta-se que esses fatores que têm levado os imigrantes haitianos a procurarem espaços educacionais para além das atividades laborais previstas na política migratória a que estão ligados ou destinados.

O estado de Santa Catarina e toda a região sul foram predominantemente colonizados por povos de matizes europeia: alemães, italianos e poloneses, ao passo que desde o começo da colonização brasileira, predominantemente, o território está marcado com a presença de povos indígenas, portugueses e africanos escravizados.

Delimitamos para campo de estudo e de pesquisa o munícipio de Chapecó, localizado na região oeste do Estado de Santa Catarina, fundado em 1917, com menos de um século de emancipação política. A colonização desse espaço geográfico se construiu com configuração diferente das demais regiões do Brasil, onde não foram as entradas e bandeiras a procura de minérios, e sim, a procura de indígenas para escravização, devido à proibição do tráfego negreiro no oceano atlântico, a descoberta dos caminhos para escoamento da erva mate e da madeira via Rio Uruguai e a necessidade de guarnição da fronteira em disputas com Argentina e Paraguai. Nesse processo, faz-se a denominada limpa da terra, possibilitando assim a colonização planejada, com intuito de produção da policultura e branqueamento da população brasileira, ignorando os povos originários (PIOVEZANA, 2010).

Assim o texto se divide com um breve relato sobre o movimento migratório no oeste de Santa Catarina e na cidade de Chapecó, contextualizando a presença dos imigrantes haitianos nos espaços educacionais e os processos de inserção, dificultados ou não pela burocracia e desatualização da legislação brasileira. Assim, problematizamos os processos educativos de inserção e enfrentamentos institucionais de acesso e permanência dessas pessoas.

1 Imigrantes em Santa Catarina

Somente no século XX o estado de Santa Catarina tem a definição de seu espaço

---

[3] Maior cidade da região oeste de Santa Catarina, segundo dados do IBGE

territorial e, consequentemente, de sua configuração socioespacial. No ano de 1916 é firmado o Acordo de Limites que estabelece os limites nacionais e internacionais do estado. Dos atuais 95.442,9 km² que compõem a área geográfica catarinense, 29,8% foram somados a partir de 1916 (ALVES & MATTEI, 2006).

Registra-se que no século XX não é mais a imigração estrangeira o grande fator do crescimento populacional no estado de Santa Catarina, pois o ingresso de imigrantes europeus é de pequena expressão. Sem embargo, neste século a dinâmica demográfica catarinense está diretamente relacionada ao seu próprio crescimento vegetativo e ao deslocamento de migrantes provenientes principalmente do Rio Grande do Sul. Desta forma, neste século a ocupação e o povoamento de Santa Catarina não são realizados no sentido Leste-Oeste, ou seja, do litoral em direção ao interior, com fluxos provindos Rio Grande do Sul e do Norte do Paraná (MIRA, 2000, p. 127).

Segundo Alves e Mattei (2006), a região Oeste de Santa Catarina foi a última área a ser colonizada no estado. A extração da madeira foi a primeira atividade econômica a dar impulso ao deslocamento populacional. Desenhando um mapa da temporalidade da ocupação da região Oeste catarinense, segundo o modelo “monetarizado”, termo definido pela introdução da moeda como meio de troca, em substituição a formas primitivas como o escambo, que é instituído no início do século XX, partiríamos do Vale do Rio do Peixe, seguiríamos o Rio Irani, o Rio Chapecó e finalizaríamos no Extremo-Oeste, na fronteira com a Argentina.

Essas terras foram primeiramente ocupadas por indígenas, caboclos e ‘bugres’, que posteriormente foram substituídos por migrantes provindos principalmente do Rio Grande do Sul, descendentes de alemães, italianos e poloneses, ou seja, segunda ou terceiras gerações de imigrantes europeus.

No processo de colonização que se inicia com maior intensidade nas primeiras décadas do século XX, bastaram apenas quarenta anos para que o ecossistema da região oeste catarinense se tornasse um dos mais degradados do país. Além dos cultivos a base de queimadas e do arado, a agroindústria se instala e joga seus resíduos para os rios, prática essa que vai até o ano 2000. (PIOVEZANA, 2010)

Recorro a Cotinguiba(2014) para entender os processos migratórios que vivenciamos, sendo que as pessoas podem fazer escolhas, no entanto, elas estão circunscritas a um emaranhado de acontecimentos históricos e sociais que as suas vontades passam a atender, não necessariamente aos seus desejos, senão àquelas situações que a realidade lhes obriga a aceitar. Coloca ainda que as pessoas não migram por prazer, o que se apresenta nos fatos e na

própria história demonstra que as migrações, muitas vezes, estão relacionadas a muitos interesses, não apenas dos imigrantes, mas de outros sujeitos que circundam o acontecimento.

No caso da imigração haitiana para a região oeste de Santa Catarina, mais precisamente para a cidade de Chapecó, esta teve início em 2011 com a chegada de vinte quatro pessoas. Chegam para trabalhar na Empresa Fibratec[4], que por menção do próprio gerente é a segunda no Brasil a contratar haitianos no país. Foi numa conversa de amigos que o empresário ficou sabendo dessa mão de obra disponível na cidade de Brasileia (AC), buscando-os para trabalhos em sua empresa. Os empresários da região, em contato com outros, de estados diferentes, seguem o mesmo exemplo[5].

Foram expedidos desde 2011 pela Delegacia da Policia Federal de Chapecó[6] mais de 4000 (quatro mil) protocolos para visto humanitário haitiano, distribuídos nos municípios da região. Pode-se dizer que existe uma imprecisão nos registros, pois o fluxo de idas e vindas varia muito.

Essas pessoas vieram atraídas pelo trabalho nas empresas do oeste do estado, voltados principalmente para trabalhos nos frigoríficos e agroindústrias, responsáveis pelo maior movimento da economia regional.

Os haitianos formam um contingente populacional exercendo a mão de obra necessária para suprir a lacuna laboral existentes nessas empresas. Sobram vagas, menciona-se nos depoimentos dos empresários, cujo trabalho, os brasileiros não querem mais executar, por vários motivos, dentre eles: aumento da escolaridade, capacitação qualificada na região e diminuição no número de filhos nas famílias da região.

Na chegada dos imigrantes haitianos para o trabalho e com apoio de uma política para sua permanência em serviço, é levantada a demanda de necessidade de comunicação e de capacitação para trabalhos diferentes daqueles realizados em seu país de origem.

O domínio da língua portuguesa se apresenta como barreira para muitos haitianos que residem em Chapecó e região. Em contato com empresas que mais empregam estrangeiros, encontramos projetos de ensino de língua portuguesa, desenvolvidos por elas, a exemplo da BRF[7] (pelo convênio com o SESI[8]), Aurora[9] e voluntários, que ministram aulas de português para os imigrantes haitianos. Muitos já foram atendidos, porém, há uma rotatividade de

[4] Menção feita pelo gerente da empresa na reunião de trabalho da Câmara de vereadores de Chapecó em 21/10/2014.
[5] Idem.
[6] Número anunciado na Reunião de trabalho do CRDH – UFFS em maio de 2015, pelo agente da Policia Federal em Chapecó SC, o índice é baseado nos registros de pedidos protocolados naquela delegacia.
[7] Empresa surgida da fusão entre Sadia e Perdigão – tem status de indústria.
[8] Serviço Social da Indústria
[9] Tem status de Cooperativa, por isso desenvolve projetos próprios sem parceria do SESI.

trabalhadores estrangeiros, pois muitos começam o curso e desistem: às vezes viajam para outros estados, mudança de turno de trabalho, cansaço, aquisição de aprendizagem elementar, há os que consideram que já aprenderam o suficiente e não aparecem mais nas aulas.

As aulas são frequentadas, somente por aqueles que têm por objetivo aprender o idioma para outra necessidade, seja ela de inserção à comunidade ou de investimentos em outros setores. O nível de escolaridade é caracterizado por diferentes situações, ou seja, existem vários que nem completaram o ensino fundamental, outros com ensino médio ainda por concluir, alguns com ensino superior e outros semialfabetizados.

As diferenças culturais existentes e a necessidade de novos conhecimentos para os novos moradores estrangeiros nesta região promovem a reflexão para o campo educacional.

Percebemos em nossos estudos e contato que existe um significado presente de reforço à condição histórica e não reconhecimento a determinadas populações. Observa-se um enorme despreparo das diferentes instâncias à presença dos nacionais haitianos, isso se dá principalmente pela não familiaridade com o idioma que falam: crioulo haitiano – francês, o padrão cultural brasileiro foge da aproximação com a cultura francesa/haitiana.

2 Movimento Imigratório Haitiano em Chapecó-SC

A configuração dos movimentos dos novos imigrantes na região oeste de Santa Catarina, mais precisamente em Chapecó e região, a partir de 2011, aparece da seguinte maneira:

a) Primeiro movimento:

Os fluxos iniciais dessa imigração acontece na busca de trabalhadores estrangeiros, realizadas principalmente pelo interesse das empresas frigorificas e agroindústrias da região. É necessária a citação que esse deslocamento acontece não somente em Chapecó, mas também nas cidades do seu entorno, como por exemplo: Xaxim, Nova Erechim, São Carlos e Águas de Chapecó.

No processo de deslocamento realizado, com subsídios das empresas, os haitianos receberam em torno de R$ 100,00 reais cada um, para as necessidades de alimentação e de higiêne. O percurso é feito de ônibus, com roteiro: Brasileia (AC) a Chapecó (SC).

No depoimento, abaixo, encontra-se detalhes da vinda dos imigrantes haitianos para a região, mencionada por representante da empresa Fibratec, de Chapecó (SC), primeira a buscar essas pessoas para o trabalho:

> Temos que buscar saídas. Não tem gente para contratar, diz Érico Tormem, dono da Fibratec, em Chapecó. De acordo com dados da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc), a região Oeste tem a menor taxa de desemprego do

> Estado, ao lado do Vale do Itajaí. É estimada em 3,1%, percentual menor do que a taxa nacional de desemprego mais recente, de 4,3%, calculada pelo IBGE. (…) A Fibratec emprega hoje 25 apenados e 23 haitianos. Tormem foi um dos primeiros a trazer haitianos para Chapecó, ainda em 2011, quando o assunto da falta de mão de obra já o preocupava. "A gente foi instalar uma estação de tratamento de esgoto em Rio Branco (AC) e encontramos esse monte de gente chegando do Haiti", lembra ele. Em 15 dias, voltamos para lá para contratá-los. Primeiro descemos 7. Depois vieram mais 6 ou 7. Depois mais 12 e mais 15. Comecei a trazer gente para amigos da região. Gente que eu nem conhecia, ligava, porque queriam também esse pessoal, conta Tormem. (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2014)

Os perfis recrutados[10] pelas empresas são de homens de 25 a 35 anos, em sua maioria solteiros, com escolaridade mínima do ensino fundamental, porém aparecem dentre os estrangeiros haitianos escolarizados, com ensino superior. Ainda, nesse primeiro movimento, aparece um fenômeno que chamaremos de fenômeno comunicativo social de larga escala. Impressiona o modo como os haitianos detêm o poder de comunicação, sem contar a sua paixão pelos eletrônicos, celulares, principalmente. Longe de casa, esses aparelhos modernos e com acesso às redes sociais, adicionam suas mensagens com velocidade e segurança. Eles se comunicam e chamam aqueles que estão buscando uma situação melhor, em termos de emprego e qualidade de vida (GUZZON,2014).

b) Segundo movimento

Caracteriza-se pela presença posterior das mulheres imigrantes na região. É uma das regiões do Brasil que mais tem mulheres haitianas. Expressivamente, registra-se a vinda das esposas, muitas delas chegam por campanhas realizadas entre as entidades e empresas da região. Chapecó é um dos lugares que mais tem a presença feminina de estrangeiras haitianas.

> Segundo os registros do Conselho Nacional de Imigração – CNIg do Ministério do Trabalho, as mulheres representam, aproximadamente 20% do total dos imigrantes haitianos quereceberam permissão de residência no Brasil. Mas a participação das mulheres vem aumentando, principalmente pelo aumento dos vistos para reunião familiar. (FERNANDES & RIBEIRO, 2015)

c) Terceiro movimento

Muito recente, consagra-se o terceiro movimento, de forma mais sutil, começando a desabrochar com a chegada dos filhos dos imigrantes haitianos. Sem contar aqueles que já nasceram na região e são brasileiros, filhos de estrangeiros, provenientes do Haiti. Assinalam-se esses por conviverem com as diferentes culturas, embora sendo legítimos brasileiros, muitas vezes convivem com os hábitos dos pais haitianos em casa e com os costumes dos brasileiros na escola.

---

[10] Representante do RH da empresa frigorifica Cooperativa Aurora Alimentos na Reunião de trabalho da Câmara de vereadores de Chapecó em 21/10/2014.

> A presença de crianças não foi um fato recorrente registrado no início da migração, é parte do desdobramento de um processo mais amplo, especialmente respaldado pelo direito, uma vez que, de acordo com a Constituição Federal Brasileira de 1988, a família é inseparável, de acordo com a prescrição constitucional. O imigrante residente em solo brasileiro, uma vez gozando do direito ao visto de permanência, tem por direito requerer a reunião familiar e, na perspectiva brasileira, a família compreende marido, esposa e filhos e, dadas as proporções, os pais dos cônjuges, quando viúvos, uma vez que se comprove o grau de dependência dos pais do casal em relação aos filhos. No caso da imigração haitiana, o que temos conhecimento são os casos de reunião familiar do marido ou da esposa e filhos, desconhecemos casos de pais que conseguiram vistos para migrar para o Brasil nessa categoria. (Idem.)

Todos esses movimentos requerem cuidados e estudos mais precisos para implementação de ações junto à comunidade estrangeira e local.

3 Demanda Educacional para Imigrantes Haitianos

Entendemos que as grandes mudanças sociais passam pela educação. Toda e qualquer mudança passa pelo processo de aquisição de conhecimento que quando refletido exerce um momento de consciência desse saber. Educação no sentido mais amplo e em todos os níveis. O nosso grande desafio é a educação. Precisamos ser educados não só para a escola para aprendermos ler e escrever. Educados no sentido de nos sentirmos e nos tornarmos cidadãos. Cidadãos que sabem, cumprem e exigem seus direitos. Precisamos ser educados para a cidadania, no combate a corrupção, no cumprimento da lei e do respeito às instituições. Essa temática é nova, porém já percebida na academia como aponta os autores abaixo.

> Em relação à presença haitiana no Brasil, a discussão sobre a inserção no ambiente escolar é nova, contudo, não é uma novidade em relação à mesma problemática em outros lugares,(...). Dada dinâmica da imigração haitiana e, ao mesmo tempo, do desenvolvimento de estudos sobre o tema, não podemos fazer afirmações de que não haja trabalhos que contemplem a temática no Brasil. (COTINGUIBA&COTINGUIBA, 2015)

Os dados, abaixo, são oriundos da Secretaria Municipal de Educação de Chapecó, fornecidos pela AMOSC , e indicam:

ALUNOS HAITIANOS OU SENEGALENSES - ESCOLAS URBANAS - 2015

Escolas Básicas	Educação Infantil			Nº Alunos EI	Ensino Fundamental									Nº Alunos EF	Total Geral Alunos
	Berçário	Maternal	Pré		1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª		
EBM Guido Manfelli	1		1	2										0	2
EBM Jardim do Lago				0	1						1			2	2
EBM Rui Barbosa				0		1								1	1
TOTAL	1	0	1	2	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	5

Fonte: AMOSC – Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina

ALUNOS HAITIANOS OU SENEGALENSES - EDUCAÇÃO INFANTIL - 2015

CEIM'S	Educação Infantil			Total Alunos
	Berçário	Maternal	Pré Escolar	
CEIM Ciranda da Criança I e II		3	1	4
CEIM Ciranda do Saber	1			1
CEIM Criança é Esperança	5	1	1	7
CEIM Eldorado	1			1
CEIM Iris Abello	1			1
CEIM Universo da Criança	2			2
TOTAL	10	4	2	16

Fonte: AMOSC – Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina

Os municípios vizinhos de Chapecó indicam a presença de alunos imigrantes haitianos, no total de 04 na educação infantil. A indicação é das secretarias de educação dos municípios citados. Embora o número de alunos estrangeiros ou filhos de estrangeiros ainda não seja elevado, tal situação requer uma maior atenção por parte dos órgãos competentes.

Uma das poucas ações institucionalizadas na região para os imigrantes haitianos foi o Programa da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó, intitulado PROHAITI. O Programa de acesso à Educação Superior da UFFS para estudantes haitianos – PROHAITI é uma experiência pioneira na educação pública federal brasileira. Regulamentado pela Resolução Nº 32/2013 – CONSUNI que institui o Programa de Acesso à Educação Superior da UFFS e dispõe sobre os procedimentos para operacionalização das atividades do programa.

O PROHAITI tem como objetivo contribuir para integrar os imigrantes haitianos à sociedade local e nacional, bem como para a reconstrução do Haiti, por meio do acesso à

educação superior, podendo ser incluídas outras modalidades que possam ser consideradas pertinentes ao Programa. Existem outras iniciativas em universidades federais brasileiras. Para exemplificar podemos mencionar as tratativas entre universidade haitianas e brasileiras, bem como entre os ministérios da educação dos dois países. De forma que basicamente com alunos indicados pelo governo haitiano e selecionados anteriormente. No formato de processo seletivo específico para esse público que moram no país, mas precisamente na região, a Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó foi a primeira. O início do Programa foi por meio do PS 2014.1 que validou matrícula de 27 estudantes haitianos, no PS 2014.2 formam matriculados 12 alunos e no PS 2015.1 o número foi menor, com 08 alunos. Nesse percurso houve cancelamentos e trancamentos de matrículas. Atualmente, (Julho de 2015), 35 alunos estão matriculados em 10 cursos do campus Chapecó: Administração, Agronomia, Enfermagem, Ciência da Computação, Engenharia Ambiental Pedagogia, Matemática, Geografia, ciências Sociais e Letras: Português-Espanhol.

No levantamento acadêmico, acompanhado durante o primeiro semestre do Programa, os estudantes haitianos cursaram 140 componentes curriculares, desses 95 foram aprovados e 45 reprovados ou não concluídos, o que demonstra um resultado muito positivo, porém aparecem alguns desafios, como a dificuldade de comunicação devido ao idioma falado.

A implantação das aulas de Português para comunidade haitiana com o Programa de Educação Tutorial/ PET- Letras tem ajudado muito. A documentação e a tradução juramentada é um dos principais fatores no acesso. A Universidade está em processo, junto aos conselhos estaduais de educação, para melhorar as condições e ajudá-los para aquisição do RNE – Registro Nacional de Estrangeiro, que para alguns haitianos, o processo é lento e demora mais de um ano.

Como menciona Cotinguiba&Cotinguiba (2015) a falta de percepção das instâncias governamentais brasileiras salienta ainda mais o problema que não é causado por falta de vagas nas instituições, mas pela ausência de uma política ou diretriz sobre o assunto, de maneira que os agentes escolares possam se orientar. Existe um despreparo sim, mas, maior do que este, é a invisibilidade desse público.

Estudos da última década do século XXI têm mostrado o impacto das instituições universitárias no desenvolvimento psicossocial, no rendimento acadêmico e na adaptação à universidade dos estudantes (FERREIRA, ALMEIDA, & SOARES, 2001; TAVEIRA, 2002). Porém, a preocupação com o aconselhamento e o acompanhamento aos alunos universitários é ainda recente no que diz respeito a serviços de apoio e orientação no Brasil, especialmente em relação a alunos de perfil internacional.

Ainda para os autores, no Brasil, apesar do número crescente de estudos que avaliam o impacto da vivência universitária entre estudantes brasileiros, não há pesquisas sistemáticas que analisem como os estudantes estrangeiros se adaptam ao longo do tempo à educação e ao contexto social do país. Há muito pouca informação sobre o que contribui para seus diferentes níveis de adaptação e do porquê. Tanto alunos brasileiros quanto estrangeiros compartilham de dificuldades referentes à experiência universitária. No entanto, o aluno estrangeiro, confronta-se com um processo que tem diversas peculiaridades e uma etapa de transições, começando com a seleção de candidatos e terminando com o retorno ao país de origem, quando este assim optar.

O estudante precisa aprender uma grande variedade de papéis culturalmente definidos e não familiares, num processo de curto período de tempo, sob considerável estresse (GUNTER & GUNTER, 1986). Além disto, enfrenta uma série de dificuldades e desafios como a preparação anterior à saída de seu país, providenciar moradia adequada, documentação e exigências legais de imigração, lidar com idioma, adaptar-se ao clima, alimentação e valores sociais, e ajustar-se à cultura do país..

Para Baptista (2015 p. 193) a escola é a instituição responsável para difusão e apropriação da ordem e da moral vigente, exercendo a função de viabilizar a aprendizagem e transmissão do conhecimento. Em sua pesquisa define os migrantes no município de São Paulo como estranhos, isso se dá por trazerem consigo sua cultura, desenvolvendo assim certo constrangimento e inferioridade, com visão de mundo diferente e identificada por seu espaço de pertencimento.

Entendemos nesse contexto, que, nos percursos formativos proporcionados pela trajetória escolar percebemos o quanto tem se feito para esculturar as pessoas dentro de um modelo único, principalmente no caso da chegada do diferente.

O paradigma dominante, muitas vezes ainda presente nos bancos escolares, desconhece a realidade social e privilegia uma cultura única e universal, que predomina há tempos na escola, desconhecendo ou “invisibilizando” as demais culturas.FREIRE (2001). O modelo moderno de formação, com ideais de civilidade foi assim se constituindo. A escola, instituição moderna, traz inerente à sua função social a tarefa de transmitir às gerações mais novas o conhecimento historicamente acumulado.

Cabe problematizar, no entanto, quais conhecimentos são estes, que modelos culturais se perpetuaram, quais as formas de pensar, quais os saberes e as culturas que são consideradas “corretas” por este paradigma. Superar esse postulado e caminhar para o reconhecimento das diferentes culturas e perceber que a escola foi e é um instrumento utilizado pelo Estado na

construção de uma nação cidadã, é um pressuposto. No entanto, essa condição muitas vezes formata e exclui, tendo somente um legitimado conhecimento como certo e existente, os demais são de segunda ordem ou sequer existem. Cito Veiga, que remete à opinião de Elias nesta premissa:

> Segundo Elias, o conceito de civilização expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo e descreve aquilo que constitui o seu diferencial: "o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento e de sua cultura científica ou visão de mundo" (1993, p. 23). Esta maneira de referir a si mesmos dos povos ditos civilizados foi, sem dúvida nenhuma, uma realização da escolarização. A monopolização dos saberes pelo Estado deu conta de realizar a difícil tarefa enfrentada pelas elites políticas e intelectuais ao longo do século XIX, ou seja, a de estender a todos as técnicas das civilidades, sem contudo desfazerem-se das práticas de diferenciações que tanto marcaram a sociedade da corte. A questão era como se desfazer da pedagogização, presente do século XVI ao século XVIII, por meio da escolarização (VEIGA: 2002 p. 99).

A dinâmica do mundo contemporâneo nos leva a reconhecer as fronteiras de convivência, os entre lugares, como espaços entrelaçados entre o ser, o acreditar e o fazer das diferentes culturas na busca da verdadeira integração social.

Como política de Estado, a Educação, sempre usada como estratégia, mesmo que considerada fundamental, é aceita como forma de ascensão e nos remete às práticas existentes que podem se encontrar no "pós", visto aqui, como futuro localizado de forma a desconsiderar o passado e até mesmo o presente e o viés histórico vivido frente à presença do imigrante haitiano.

> (...) de acordo com nossa linha de raciocínio, a questão educacional na vida de muitos haitianos significa uma oportunidade única de ascensão social e reconhecimento em seu país e entre seus familiares, além da oportunidade de ajudar aos que se vinculam. Por não ser o foco central de nossa reflexão, os aspectos da educação em solo haitiano aqui relacionados são trazidos à tona somente para embasar a nossa discussão, para que possamos melhor compreender a relevância da educação para os haitianos que estão no Brasil.
> (COTINGUIBA&COTINGUIBA ,2015.)

Nesse contexto, o caminho para aproximar educação e cultura pressupõe a articulação da escola com esses vários territórios de conhecimento, equipamentos e projetos de cultura. De forma que esta aliança traga um efeito positivo e efetivo na aprendizagem dos envolvidos em redutos de ordem escolar.

Podemos pensar na abertura da escola/academia à cultura de seu local "recheados" de diversidade, na escolha de um currículo que valorize a pluralidade e a diversidade cultural do sua localidade e no intercâmbio da escola com fazeres e fazedores de cultura na sociedade, pode ser alguns caminhos para juntar educação e cultura. Os desafios, contudo, são muitos e esses continuam postos e cabe aos educadores e à sociedade engendrar novas aproximações possíveis.

Em seus prescritos Hall (2006) apresenta um avanço no seu trabalho que discute as

identidades culturais na pós-modernidade. Salienta, que as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio e aponta que novas identidades estão surgindo, deixando o indivíduo moderno fragmentado. O propósito do trabalho do autor citado, nos mostra algumas questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia ou pós e analisa se existe uma crise de identidade, em que consiste essa crise e em que sentido ela está se posicionando.

Entendamos aqui o nosso espaço frente ao diferente e reflitamos no sentido de saber se continuamos os mesmos na convivência com o imigrante haitiano. Essa convivência nos muda? Ou continuamos desatentos às possibilidades de novas culturas no espaço acadêmico? Ao propor seus argumentos, introduz-se certas observações com vários pontos de vista, indicando que alguns eixos, contraditório, mais visível é a noção de descentralização do sujeito, em sua forma mais simplificada Hall (2006).

4 Cultura e novas culturas presentes nos Contextos Escolares

Existe uma ausência marcante no que se refere ao aprofundamento teórico ou epistemológico nos ambientes de formação docente quanto aos conceitos estudados vinculados aos temas culturais. As redes de compreensão do tema são muito superficiais ou detém pouco espaço na academia. Fica evidente tal procedimento quando percebermos que "tudo pode" nas ações pedagógicas, porque na verdade o conhecimento não conseguiu ampliar em relação aos conceitos e visões de mundo no campo cultural. Formula-se e responde-se a perguntas para as quais só há uma única resposta na busca de uma formatação de um determinado comportamento esperado e previsto. É hora de romper com essa dinâmica cultural na escola e, quem sabe, olhar para a cultura, ou melhor, culturas escolares.

Para melhor clareza reporto o conceito de Julia (2001)

> Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar condutas e inculcar , e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem virar segundo as épocas finalidades, religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização (Julia, 2001, p. 10)

Neste sentido, vivenciar as diferenças culturais é outro fio condutor importante de sentido, apontando as relações ativas nas dinâmicas onde se pretende: identificar, aceitar e respeitar e, principalmente, deixar aparecer num espaço garantido de fazer-se. Nesse contexto não existe mais, nem menos, apenas concretamente exalta-se parte e partes de um conjunto maior cultural.

É pertinente saber que existem espaços fornecedores de um ambiente para elaboração de atividades pensadas e recheadas de subjetivação, esses se apresentam de forma singular ou coletiva, dando início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade e tudo que a compõe.

O caminho para o entendimento do hibridismo cultural, aqui posto como fenômeno histórico social, que existe desde os primeiros deslocamentos humanos, é o processo que resulta no contato efetivo com os grupos distintos.

Sobre as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes e dissidentes Bhabha (1998) nos indica as minorias localizadas globalmente na migração.

> A demografia do nosso internacionalismo é a história da migração pós-colonial, as narrativas da diáspora cultural e política, os grandes deslocamentos sociais de comunidades camponesas e aborígenes, as poéticas do exílio, a prosa austera dos refugiados políticos e econômicos. (BHABHA, 1998, p. 24).

Veiga Neto (2003) aponta que a "cultura é central não porque ocupe um centro, uma posição única e privilegiada, mas porque perpassa tudo o que acontece em nossas vidas e todas as representações que fazemos desses acontecimentos". Para tanto é preciso se firmar na busca por pautas que elucidem o conceito;

> Conceitos, certamente, não são, parte de discursos filosóficos, fluentes, mas de história social e localmente enraizados e, portanto devem ser explicados em termos desta realidade. (HOBSBAWM, 1990, p.18)

Dentro dessa perspectiva se busca continuamente uma compreensão dos pontos que apareça na cultura presente sem desconsiderar o viés histórico estudado. Cultura significa cultivar, e vem do latim *colere, c*ada lugar geograficamente definido tem a sua própria cultura, que é influenciada por vários aspectos. Ouve-se muito que a cultura do Brasil é marcada pela disposição e alegria do seu povo e isso se reflete também nas canções que fazem parte da cultura brasileira. E como será a cultura do Haiti? É possível um enlaçamento da cultura dos dois países nos ambientes escolares?

A aquisição da língua portuguesa por parte dos haitianos revela ponto importante na troca de cultura e inserção social deste imigrante, cuja problemática está na língua (COTINGUIBA&COTINGUIBA, 2015).

> Um dos maiores desafios para os imigrantes é o aprendizado da língua portuguesa, (A dificuldade de comunicação por não poder estudar a língua portuguesa ou a sua dificuldade de comunicação os isola, tem efeitos no desempenho do trabalho, na busca de serviços , assim como para sua alimentação e ir nos postos de saúde), a falta de sensibilização dos poderes públicos municipais e estadual que não oferecem espaços físicos e docentes, a inexistência de um método eficiente a ser utilizado pelos monitores em todos os estados , e o desnível cultural entre os migrantes. O desafio de ficar longe de seus familiares, pois os custos da vinda de todos são

muito alto.(DUTRA E GAYER , 2015)

No momento que existe um domínio do idioma os haitianos conseguem se inserir em outros espaços que não àqueles frequentados somente por eles, podem emergir assim trocas culturais.

Para Kuper (2002) de modo geral, cultura é o conjunto de manifestações que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a língua, a moral, os costumes, os comportamentos e os hábitos e aptidões adquiridos por pessoas que fazem parte de uma sociedade específica. Em conformidade com as ciências sociais pode ser definida como um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, aprendidos de geração em geração através da vida em sociedade. É como se exibe a herança social da humanidade ou ainda de forma específica, um determinado variante desse permanente social conjunto. A cultura é também um acumulado de alterações trazidas por uma geração e que passa à geração seguinte, aonde vai se transformando, subtraindo e agregando outros aspectos, se adaptando assim de forma a melhorar a vivência das novas gerações.

Enriquecendo esse caminho nos deparamos com a compreensão da totalidade dos padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano. A cultura, segundo a ciência antropológica, tem como objetivo expor claramente o saber experiente de uma comunidade, o saber obtido graças ao arranjo espacial, na ocupação do seu tempo, na manutenção e defesa das suas estruturas de relação humana. Estas manifestações constituem aquilo que é denominado como a sua gama cultural, os ideais definidos em diferentes formas de apresentação.

Encontra-se ainda nos apontamentos dos estudos culturais a definição de forma clara que exalta os exemplos diaspóricos afrocaribenhos revelados no pós-Guerra na Inglaterra. Assim os exemplos sugerem:

> A cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma “arqueologia”. A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através de seus passados” faz é nos capacitar, através, a nos produzir a nós mesmos de novo, com novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL; 2001. p.43)

Outro fator relevante tocado pelo autor é referente à virada linguística, isto

compreende um olhar importante para a abertura textual e discursiva proposta pela teoria. Conforme o prisma da pluralidade – independentemente das idiossincrasias das vertentes culturais analisadas por ele – devem, os estudos da cultura "[...] analisar certos aspectos da natureza constitutiva e política da própria representação, das suas complexidades e dos efeitos da linguagem, da textualidade como local de vida e morte" (HALL, 2001. p. 201).

Para melhor discutir os conceitos apontados e sobressair o percurso de tal existência propõe-se fazer aparecer os trajetos que dizem respeito à cultura, multiculturalismo e a interculturalidade. É sinuoso e diverso o modo como a presença de tais conceitos influenciam a organicidade do se fazer diferente. Existe um ganho em riqueza no diferente e no conviver com esse diferente.

De acordo com Fleuri (2001), a estratégia intercultural consiste antes de tudo em promover a relação entre os indivíduos, enquanto elementos pertencentes a sociedades históricas e culturalmente muito diversificadas. Através desse olhar diferenciado no dialógico é possível a construção de cidadãos emancipados e de uma sociedade democrática, mais justa e igualitária em sua diversidade.

Com isso a diversidade nativa das comunidades hibridas fortalece a aceitação aquele que num primeiro momento nos parece diferente, mas na verdade tem uma igualdade na busca de direitos por completo. (GRUZINSKI, 2001)

Sendo assim, aparecem em suas produções preocupação fundamental com o reconhecimento e a valorização das diferenças culturais muitas vezes invisibilizadas nos processos educacionais, particularmente na escola e ou academia. Para Candau (2011) a preocupação com o diálogo intercultural aparece praticamente de forma tímida e pouco significativa. É importante observar que problematizamos a escola moderna hoje, pois ela já não cabe nas leituras que fazemos do nosso tempo e espaço, é hora de olhar para o outro urgentemente. No entanto, houve um tempo em que essa escola serviu – o tempo em que quem a frequentava era a elite e que o conhecimento cabia em enciclopédias.

> Os "outros", os diferentes, muitas vezes estão perto de nós, e mesmo dentro de nós, mas não estamos acostumados a vê-los, ouvi-los, reconhecê-los, valorizá-los e interagir com eles. Na sociedade em que vivemos há uma dinâmica de construção de situações de apartação social e cultural que confinam os diferentes grupos socioculturais em espaços diferenciados, onde somente os considerados iguais têm acesso. Ao mesmo tempo, multiplicam-se as grades, os muros, as distâncias, não somente físicas, como também afetivas e simbólicas entre pessoas e grupos cujas identidades culturais se diferenciam por questões de pertencimento social, étnico, de gênero, religioso, etc. (CANDAU apud MOREIRA e CANDAU, 2011,p.31)

Neste sentido, tendo presente as diferentes vertentes do multiculturalismo, perecem situar-se na perspectiva assimilacionista orientado de forma a promover a igualdade de oportunidades e a integração dos diferentes sujeitos sociocultural na sociedade vigente. A questão intercultural praticamente é abordada nos textos que tratam da tensão entre igualdade e diferença. Nestas produções, emergem os conceitos analisados entre cultura, experiências e culturas escolares, envolvendo o multiculturalismo, e o interculturalismo. No que coloca Fleuri (2001) a inserção com inclusão significa estar na atividade educativa, participar de todas as atividades, livre de preconceitos e discriminações, em ambiente acessível, com currículo aberto e não rígido. Os espaços escolares inclusivos são aqueles preparados para identificar e eliminar as barreiras que impedem o acesso dos seus estudantes ao conhecimento. É um lugar que valoriza o desenvolvimento pessoal e social na mesma medida.

Considerações finais

Acompanhando e analisando preliminarmente a inserção educacional dos imigrantes haitianos no oeste catarinense nota-se que a demanda, aparentemente baixa, se encontram regularmente matriculados na educação básica 25 crianças e 35 estudantes no ensino superior. As práticas de inserção na diversidade se tornam um desafio maior para todos os envolvidos no processo educativo.

O reconhecimento desses movimentos migratórios dessa segunda década do século XXI apontam para além do diagnóstico da realidade dessas pessoas, a necessidade de se desenvolverem projetos institucionais consistentes e de bem-viver com dignidade, acompanhados e apoiados em políticas públicas educacionais e assistenciais.

Nas ações que se referem à educação dos imigrantes haitianos na região de Chapecó (SC), é visível estabelecermos as condições para que tal demanda seja feita de maneira cautelosa e envolvente. O reconhecimento do outro nos diferentes espaços é o primeiro passo, porém não é o único.

Garantir o acesso, a permanência e o sucesso de crianças, adolescentes, jovens e adultos haitianos nos ambientes escolares e acadêmicos dependem de atividades conjuntas do poder público e sociedade civil.

Parece relevante afirmar que a adoção de práticas educativas que internalizem às práticas políticas e humanas capazes de proporcionar a tomada de consciência dos sujeitos e de provocar o “novo” do mundo, desafiar as pessoas que almejam aprender, pertencentes ao mundo dos estudantes, é uma prerrogativa a ser perseguida.

Entendemos que o movimento que emerge deve ser duplo de aprendizagem, no qual o educador também se educa, tendo por princípio o diálogo e a interação entre teoria e prática. Existe um ciclo a completar no mundo educacional que não finda.

Concordamos com Fleuri (2001) quando aponta que o mundo educacional abre possibilidades a outras visões, ações e pensamentos, pois a discussão das questões que envolvem cultura, cultura escolar, multiculturalismo e interculturalismo precisam ir além daquilo que se fala, é necessária a atividade mais exequível em conjunto com visão conceitual. Essa é a proposta do trabalho que fundamenta a nossa formação cultural com aspectos críticos, abertos, fazendo-se e tornando-se, em constante movimento.

Sendo assim, educação e cultura(s), ao que se compreende são fatores a ser discutidos e ressignificados no espaço escolar e acadêmico, e isso é urgente, haja vista que, com a incorporação de um currículo monocultural, transmitindo/impondo valores de uma cultura dominante, os estudantes estão perdendo a capacidade criativa e de criticidade.

Há a necessidade de um planejamento e uma reestruturação das formas de agir para o ato educativo, no qual os conteúdos estejam adequados a realidade vivida pelos estudantes e os objetivos de formação estejam conectados com a necessidade de formar sujeitos capazes de entender e viver num mundo marcado pela diversidade, acreditamos na necessidade de buscar subsídios na perspectiva intercultural para orientação das práticas educativas.

> Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades e "identidades partilhadas" - como "consumidores" para os bens, "clientes" para os mesmos serviços, "públicos" para as mesmas mensagens e imagens - entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. À medida que as culturas nacionais tornam-se expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (Hall .2011. p.74)

O mundo educacional abre possibilidades a outras visões, ações e pensamentos, pois a discussão das questões que envolvem cultura, cultura escolar, multiculturalismo e interculturalismo precisa ir além daquilo que se fala, é necessária uma ação exequível em conjunto com visão conceitual. Essa é a proposta do trabalho que fundamenta a formação cultural com aspectos críticos, abertos, fazendo-se e tornando-se, em constante movimento. Responder com um novo olhar sobre cultura é um dos grandes desafios. Sendo assim, é preciso internalizar que cultura não é sinônimo de certeza, postulação e correção ela exige ser constantemente avaliada e pensada, recorrendo ao movimento sinuoso daqueles que a produzem.

Os estudos aqui fazem parte do caráter preliminar de pesquisa e dos programas que se

inserem com a presença dos haitianos na sociedade chapecoense, internacionalizada pela força econômica, mas que ainda não se deu conta da valorização e do ganho intercultural que está vivendo. Apontamos que o maior fator de inserção é a aprendizagem do idioma português pelos haitianos. Ações desta natureza estão sendo pensadas e implantadas nas diferentes instâncias institucionais da região e do Brasil, sejam pelas igrejas, escolas, academias, universidades ou ações voluntárias. Quanto às demandas burocráticas, precisam ser enfrentadas com preparo e sensibilidade dos envolvidos na implantação de uma politica pública de atendimento coerente e agregador.

Referências Bibliográficas

ALVES, Pedro Assumpção. MATTEI, Lauro Francisco. **Migrações no oeste catarinense: história e elementos explicativos. 2006. Disponível em :** http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_598.pdf **acesso em 22/09/2014. 20 p.**

ATA da **11ª SESSÃO ORDINÁRIA DE 2013 DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO.** Disponível em:<http://www.uffs.edu.br/images/sic/SECOC/Ata_da_10_Sesso_Ordinria_de_2013___Aprovada_na_11_sesso.pdf> Acesso em : 20 de janeiro de 2015

BAPTISTA, Dulce. **O migrante no município de São Paulo: educação e cidadania**. In: CUTTI, Dirceu (org) & tal. Migração, trabalho e cidadania. São Paulo: EDUC, 2015.

BHABHA, Homi K.. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1998-2005. 395 p.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Resolução Normativa nº 97**, de 12 de janeiro de 2012. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A350AC8820135687F345B412D/RESOLU%C3%87%C3%83O%20NORMATIVA%20N%C2%BA%2097.pdf>. Acesso em: 24 abril 2014.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 13, nº37,Janeiro/Abril, 2008.

CARVALHO, Diana; GRANDO, Beleni Saléte; BITTAR, Mariluce (Orgs). **Currículo, diversidade e formação.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. 287 p.

CONSUNI. UFFS. **DECISÃO Nº 2/2014** – CONSUNI/CGRAD Histórico Institucional da UFFS. Disponível em : <http://www.uffs.edu.br/images/SECOC/Deciso_02-2014_-_Autoriza_a_alterao_do_Histrico_Institucional_nos_PPCs.pdf> Acesso em: janeiro de 2015.

COTINGUIBA, Geraldo C. **Imigração haitiana para o Brasil – a relação entre trabalho e processos migratórios. 2014.** Disponível em: <http://www.migrante.org.br/migrante/images/arquivos/dissertacao_geraldo_castro_2014.pdf

> Acesso em janeiro de 2015.

COTINGUIBA, M. L. P. COTINGUIBA, G. C**. Imigração haitiana para o Brasil: os desafios no caminho da educação escolar**. Revista Pedagógica, Chapecó, v.17, n.33, p. 61-87, Jul./Dez. 2014.

COTINGUIBA, Geraldo C.; PIMENTEL, Marília L. **Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho**. In. Travessia (São Paulo), v. 70, p. 99-106, 2012.

DUTRA, Cristiane Feldmann. ; GAYER, Suely Marisco. A Inclusão Social Dos Imigrantes Haitianos, Senegaleses e Ganeses no Brasil. 2015. Disponível em : http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/viewFile/13067/2282 Acesso em 20 de julho de 2015.

EDITAL Nº 38/UFFS/2014 - Processo seletivo especial para acesso à educação superior da UFFS para estudantes haitianos – PROHAITI. Disponível em: <http://www.uffs.edu.br/images/Gabinete_do_Reitor/Editais_2013/EDITAL_N_038UFFS2014_-Processo_Seletivo_Especial_para_Acesso__Educao_Superior_ da_UFFS_para_Estudante_Haitianos_-_Prohaiti_final.pdf> Acesso em 25 de abril de 2015.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993-1994. 2 v.

FERREIRA, J. A., ALMEIDA, L. S., & SOARES, A. P. C. (2001). **Adaptação acadêmica em estudantes do 1º ano: Diferenças de gênero, situação de estudante e curso.** Psico USF, 6, 1-10.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Desafios à educação intercultural no Brasil**. In: FLEURI, Reinaldo Matias (Org). Intercultura: estudos emergentes. Ijuí, 2001.

FREIRE, Paulo**. Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa**. 30ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUNTER, I. A., & GUNTER, H. (1986). **Desenvolvimento adulto entre estudantes brasileiros nos EUA**: Em busca de um modelo. Estudos de Psicologia (Campinas), 3(1/2), 84-105.

GUZZON, Izabel. **O Consumo de Produtos Midiáticos por Imigrantes Haitianos na Cidade de Chapecó.** Trabalho de Conclusão de Curso. Jornalismo. UNOCHAPECO, 2014.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11a ed. Rio de janeiro: dp&a; 2006.

_____. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelain L Guardia Resennd . Belo Horizonte: Editora UFMG; 2001. p.410

HOSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa , mito e realidade**. Riode

Janeiro; Paz e Terra, 1990.

JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como Objeto Histórico**. Revista Brasileira de História da educação n°1 jan./jun. p. 09-42, 2001.

KUPER, Adam. **Cultura:** a visão dos antropólogos. São Paulo: EDUSC, 2002. 322 p.

MIRA, M. A. F. B. A Sócio-demografia de Santa Catarina no Século XX. IN MELLO, O. F.; LINS, H. G.; PEREIRA, N. V. **A Realidade Catarinense no século XX**. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2000.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis: Vozes, 2008.

PIOVEZANA, Leonel**. Território Kaingang na Mesorregião Grande Fronteira do Mercosul – Territorialidades em Confronto**. Tese de Doutorado. Santa Cruz Do Sul/Rs. Universidade De Santa Cruz/ Unisc. 2010.

RESOLUÇÃO Nº 32/2013 – CONSUNI . **PROHAITI UFFS** . Disponível em: http://www.uffs.edu.br/images/sic/SECOC/032_-_Institui_o_PROHAITI.pdf

VEIGA, Cynthia Greice. **A escolarização como projeto de civilização**. Revista Brasileira de Educação. Set/Out/Nov/Dez Nº 21,, 2002 p. 90 -103

VEIGA-NETO, Alfredo. **Cultura, culturas e educação**. Revista Brasileira de Educação Maio/Jun/Jul/Ago Nº 23, p. 05-15, 2003.